

O E S S E N C I A L S O B R E

Ritmanálise

Rodrigo Sobral Cunha

Índice

7 **Advertência**

I

9 **Introdução**

De Lúcio Pinheiro dos Santos
a Gaston Bachelard

II

27 **A Ritmanálise**

Gaston Bachelard

29 **Introdução**

33 **A Ritmanálise**

Advertência

Dos dois textos que compõem o presente escrito, como um símbolo, corresponde o primeiro propriamente a uma iniciação à ritmanálise a partir dos poucos escritos dos dois autores que de mais perto e profundamente trataram este novo modelo de conhecimento, Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, o fundador da ritmanálise e Gaston Bachelard, o hermeneuta da ritmanálise. Entretanto, na expressão «novo modelo de conhecimento», que apraz à nossa época sem deixar de ser verdadeira, pressupõe-se uma ontologia do ritmo, que decerto se oferece renovada à intuição possível. A escassez de textos acerca do tema da ritmanálise, pese embora a notável qualidade dos intervenientes, bem como a relativa novidade do conteúdo e o seu considerável interesse para o pensamento contemporâneo, levaram-nos a optar por facultar ao leitor a tradução do texto que tornou conhecida a ritmanálise. Corresponde assim a segunda parte do presente trabalho à nossa tradução do estudo de Gaston Bachelard sobre a

obra do filósofo luso-brasileiro Lúcio dos Santos, *La rythmanalyse*. Composto por uma introdução e um desenvolvimento, foi este texto originalmente publicado no prefácio e no oitavo capítulo que encerra o livro de Bachelard *La dialectique de la durée* (Paris, Boivin), em 1936, tendo por título homónimo o abobadado capítulo *La rythmanalyse*. A edição utilizada para a nossa tradução foi a das Presses Universitaires de France, de 2001 (pp. x-xi e 129-150).

Pode assim o leitor formar uma noção considerável de uma tradição de pensamento gerada na primeira metade do século xx no mundo culto da língua portuguesa e que, depois de chegar a França, se alargou à generalidade das línguas europeias, longe todavia de ter alcançado tal tradição a plenitude das suas virtualidades. Pois enquanto as epistemologias contemporâneas vão olhando, há muitas décadas já, para a ritmanálise, parecendo no entanto não lhe alcançar o centro irradiante, do que se trata é de caminhar dentro dessa noção do universo. «O ritmo é a música dentro da música», escreveu Schelling.

Devo mencionar que este trabalho teve o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia em âmbito de pós-doutoramento.

I

Introdução

De Lúcio Pinheiro dos Santos
a Gaston Bachelard

O inventor da ritmanálise é o filósofo bracarense Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos (1889-1950), matemático, físico, psicólogo, professor e político, que justamente se dirá luso-brasileiro pela segunda metade da vida pensada na margem atlântica do Novo Mundo. Segundo ele, foi Leonardo Coimbra (1883-1936) «o primeiro a compreender, por volta de 1916, a significação filosófica dos primeiros trabalhos da Ritmanálise que só vinte anos mais tarde haveriam de encontrar acolhida no pensamento de Bachelard, o filósofo do ‘novo espírito científico’ e junto de alguns dos novos trabalhadores da moderna pesquisa filosófica»¹. Marcado pelas obras de Leonardo Coimbra *O Pensamento Criacionista* (1915) e *A Alegria, a Dor e a Graça* (1916), o período de maior convívio entre os filósofos foi esse triénio de 1914 a 1917, no qual Lúcio e Leonardo deram

1 «Profundeza e Perenidade do Pensamento de Leonardo Coimbra» (1946), in *Leonardo Coimbra – Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1950, p. 57.

aulas no Liceu Gil Vicente em Lisboa. No trílogo *Do Amor e da Morte*², Leonardo Coimbra considerará as várias posições antropológicas, cosmológicas e metafísicas dessa progressiva teorização experimental do ritmo, assinalando também a compreensão recíproca dos dois filósofos amigos, por vezes com palavras que além de parecerem selar o íntimo acordo dos pensamentos de ambos («Foi até no teu pensamento que melhor vibrou o meu ritmo»³), favorecem a ideia de que Leonardo Coimbra considerasse Lúcio dos Santos o melhor intérprete do pensamento experimental criacionista. Numa carta filosófica testamental de Julho de 1946 escrevia o ritmanalista:

Não há dúvida de que estamos na entrada de uma nova era, marcada por um novo pensamento; e o que vem feito do passado não basta mais.

Os povos da Europa, se quiserem sobreviver, devem preparar-se, com o saber de uma antiga experiência humana, mas com a força viril da renovação, como numa nova mocidade, para darem altura de pensamento a esta nova experiência total que repete, em novos níveis, a sempre eterna experiência do homem, sempre a recomençar, que é, desde os Gregos, a «construção de mundos», e, desta vez, verdadeiramente, à escala universal: todos os homens, na

2 *Do Amor e da Morte* (1920), Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, 1922.

3 *Ibid.*, p. 14.

*convivência de uma vida comum, em que se ajudem, sem se tolherem uns aos outros a liberdade, porque, dentro da nação e dentro do mundo, é da convivência humana, e de sua interpretação intelectual, e não de qualquer privilégio de casta ou de raça, que provém o verdadeiro progresso do espírito nacional, na unidade moral do mundo.*⁴

Caberia a Gaston Bachelard (1884-1962) a elaboração da única síntese formal relativa dos dois volumes dactiloscritos policopiados de *La rythmanalyse*, enviados por Lúcio Pinheiro dos Santos do Rio de Janeiro ao filósofo francês por volta de 1931, tidos hoje por perdidos. Autor e obra são assim referidos por Bachelard em *La dialectique de la durée* (1936): «Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, professor de filosofia na Universidade do Porto (Brasil), *La rythmanalyse*, publicação da ‘Sociedade de Psicologia e de Filosofia’, Rio de Janeiro, 1931». Tomando a morada do remetente pela sua nacionalidade, no entanto, o destinatário francês mencionaria Lúcio Pinheiro dos Santos como «filósofo brasileiro» e «Professor de filosofia na Universidade do Porto (Brasil)», confundindo assim brasileiros e franceses durante mais de meio século, a ponto de se dar o homem por inexistente⁵. Lúcio Pinheiro dos Santos nunca chegaria a encontrar editor para a obra, mas as obscuras

4 «Carta de Lúcio dos Santos» (1946), in *Seara Nova*, ano XXVIII, Dezembro de 1950, p. 388.

5 É o caso de Jorge Jaime na *História da Filosofia no Brasil* (1999), onde Lúcio dos Santos é tido por «um filósofo ‘brasileiro’ fantasma».

vicissitudes da história da ritmanálise prolongam-se para além da morte do fundador, cujo espólio, após reiterados insucessos de tentativas de publicação, a viúva queimaria em acto empedocliano em frente da Imprensa Nacional pelo final dos anos 50 (não se sabe se por iniciativa própria, se por ordem do filósofo). Bachelard morre em 1962 e no seu espólio parece não haver vestígios de *La rythmanalyse* (como tampouco nos de Leonardo Coimbra, José Marinho e Álvaro Ribeiro, conhecedores de diversas formulações do texto da ritmanálise⁶). Com o reconhecimento do próprio Lúcio Pinheiro dos Santos, fica por ora como texto matricial da ritmanálise o resumo feito por Bachelard em *La dialectique de la durée* (1936), sem descurar outros textos seus que regressam ao tema (por exemplo, «Rythmanalyse et tonalisation», em *La terre et les rêveries du repos*, III, 2). As iniciativas capazes de promover o conhecimento tanto do autor como da origem e contexto da ritmanálise têm sido pouco significativas⁷. Porém, o esquecimento

6 Cf. Joaquim Domingues, «Lúcio Pinheiro dos Santos: Ensaio Biográfico», in *Teoremas de Filosofia*, n.º 2, Porto, 2000.

7 Assim, no Colóquio de 1989 «Les Rythmes – Lectures et Théories» (L'Harmattan, 1992) do Centre Culturel International de Cerisy, sob a direcção de Jean-Jacques Wunenburger e nas investigações do «Groupe 'Rythmes et Philosophie' (*gryph*)» (Éditions Kimé, 1996) do Centre Gaston Bachelard de l'Université de Bourgogne, impulsionadas por Pierre Sauvanet em coordenação com Wunenburger, é assumido o desconhecimento do autor da ritmanálise tal como da génese desta, ficando pois a coisa por conta de Gaston Bachelard. Em contraste com esta situação, por ocasião do I Congresso Internacional sobre «O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000», promovido pela Universidade Católica do Porto em Outubro de 2007, apresentámos

não foi completo e três momentos em contramarche emergem nos destinos da ritmanálise: um da responsabilidade de Sant'Anna Dionísio⁸ por ocasião do falecimento de Lúcio Pinheiro dos Santos, outro da responsabilidade de Joaquim Domingues⁹ e de Pinharanda Gomes¹⁰ na celebração do cinquentenário da mesma data, devolvendo à existência o nome de Lúcio Pinheiro dos Santos¹¹; e um terceiro momento com o aparecimento da *Filosofia do Ritmo Portuguesa*, onde se considera a origem e os horizontes da ritmanálise¹². Mas o que pelos finais do século XX tornaria mundialmente famoso

uma comunicação intitulada «A Filosofia do Ritmo Portuguesa: da Monadologia Rítmica de Leonardo Coimbra a Lúcio Pinheiro dos Santos e a Ritmanálise», in *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro (1850-2000). Actas do I Congresso Internacional*, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, pp. 575-592.

- 8 «Lúcio Pinheiro dos Santos», in *Seara Nova*, ano XXVIII, Dezembro de 1950, com dois trabalhos: «Traços Biográficos de Lúcio dos Santos» e «A Ritmanálise – por Gaston Bachelard» (tradução parcial), encontrando-se ainda na mesma edição a última carta conhecida de Lúcio dos Santos (de 1946).
- 9 «Lúcio Pinheiro dos Santos: Ensaio Biográfico», in *Teoremas de Filosofia*, n.º 2, Porto, 2000.
- 10 «O mito de Lúcio, segundo Bachelard», in *O Diabo*, n.º 1225, Lisboa, 20 de Junho de 2000.
- 11 Jorge Jaime, «Sobre a época de Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos», in *Revista Brasileira de Filosofia*, n.º 226, Abril-Junho de 2007.
- 12 Rodrigo Sobral Cunha, *Filosofia do Ritmo Portuguesa*, Vila Viçosa, Serra d'Ossa Edições, 2008, cap. I, pp. 9-44. Esta obra tem reedição (acrescida) pela Zéfiro (Coleção Nova Águia), em 2010. A nossa tradução do texto de Gaston Bachelard «*La rythmanalyse*» (*La dialectique de la durée*, cap. VIII, Paris, Boivin, 1936) apareceu na *Philosophica* (revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Colibri, Lisboa, n.º 31, Abril de 2008).

o nome da ritmanálise foi a contrafacção de Henry Lefebvre num curioso trabalho, ainda que menor, intitulado *Éléments de Rythmanalyse*, onde se propõe desenvolver o sentido da palavra «ritmanálise», à qual quer Lúcio Pinheiro dos Santos quer Gaston Bachelard, segundo escreve, não teriam feito mais do que alusões¹³.

A ritmanálise ficou por ora fora do *mainstream* das «histórias da filosofia», não sabemos se para bem ou mal, mas pode acontecer que a sua obscura história a coloque em caso análogo ao de certas sementes indefinidamente resistentes à usura do tempo e que aguardam condições propícias para a eclosão. Recordam-se ainda, nesse sentido, as palavras de Cecília Meireles:

**Um poeta é sempre irmão do vento e da
água: deixa seu ritmo por onde passa.**

O alto conceito em que foi tido o criador da ritmanálise no seio discreto da filosofia portuguesa era traduzido por Álvaro Ribeiro numa carta a José Marinho em Janeiro de 1937, após o desaparecimento de Leonardo Coimbra, na asserção proposicional de que Lúcio Pinheiro dos Santos «talvez deva ocupar hoje o lugar de primeiro filósofo português».

Acerca do pensamento fundador da ritmanálise fazia Sant'Anna Dionísio o seguinte balanço:

**Da compreensão do sentido convergente
de certas intuições fundamentais do
pensamento especulativo e científico dos**

13 *Éléments de rythmanalyse*, Paris, Sylleps, 1992, p. 18.

nossos dias surgiu no seu espírito o intelectual anseio de uma concepção que simultaneamente satisfizesse o melhor da inspiração digamos heraclitiana de um Bergson e as mais altas exigências de visão matemática do real de um Luís de Broglie.

Tal era a aspiração, por assim dizer dialéctica e inefável, da sua decantada *Ritmanálise*.

Em súpula, o vector essencial do pensamento singular de Lúcio dos Santos pode dizer-se que deriva, em linha directa, da ideia-crença primordial do Pitagorismo: a ideia-crença de que o Ser é, na sua mais íntima substância, figura e número, harmonia e ritmo. Tanto na legalidade das energias físicas, como no processo vital, como no fluir do espírito, a chave da explicação de tudo quanto existe e transita não seria outra senão a *lei do ritmo*.¹⁴

Reclamando abertamente para si a familiaridade desse veio da filosofia criacionista¹⁵, onde as operações da ciência e da poesia convergem em firmamento hermenêutico de renovadas sínteses universais, a ritmanálise vai também buscar às coetâneas compreensões da energia, tanto do

14 Sant'Anna Dionísio, «Lúcio Pinheiro dos Santos», in *Seara Nova*, ano XXVIII, Dezembro de 1950.

15 Veja-se especialmente a monadologia rítmica de Leonardo Coimbra, a que demos atenção na *Filosofia do Ritmo Portuguesa*, pp. 9-23.

ponto de vista psicológico (psicanálise) como do ponto de vista físico (mecânica quântica), matrizes interpretativas para o mundo do espírito e para o mundo da natureza. A ritmanálise dinamiza em campos de síntese superior a relação com o princípio de contradição, sempre em busca de compreensões crescentes, evoluindo na conciliação dos pontos de vista e entregando-se à inventiva da polirritmia. Pela tónica na actividade da vida consciente, diferencia-se a ritmanálise da psicanálise, sobrepondo a capacidade de renovação do indivíduo à passividade dominada pelo inconsciente, completando com a síntese rítmica a análise da disrritmia. Por outro lado, a dupla representação da física quântica, corpuscular e ondulatória, oferece uma interpretação dialéctica dos fenómenos da natureza que a noção de ritmo não só ajuda a integrar como até a elevar a mais amplos modos de compreensão. Lúcio dos Santos recorda que «Leonardo Coimbra substitui o conceito de substância, como haviam de fazer, mais modernamente, os filósofos da ciência, pelo de ‘actividade relacional’»¹⁶. Na versão ritmanalítica, a noção de ritmo, integrando a de actividade relacional, congloba efectivamente um novo modelo alargado de conhecimento, já que o ritmo é aí considerado como a própria energia de existência e desse modo o princípio unificador da física, da biologia e da psicologia. Segundo Gaston Bachelard, coube a «Pinheiro dos Santos o mérito

16 «Profundeza e perenidade do pensamento de Leonardo Coimbra» (1946), in *Leonardo Coimbra – Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1950, p. 58.

de ter mostrado o carácter verdadeiramente primordial da vibração na própria base da vida»¹⁷.

À ideia monotonal de um tempo uniforme, contínuo e abstracto, dado de uma vez para sempre como tal, contrapõe, ou melhor, sobrepõe a ritmanálise a ideia da pluralidade dos tempos concretos e da vibração multiforme, escancarando horizontes à inventiva da renovação cintilante, manifestando-se precisamente nas possibilidades imensas das formas rítmicas.

O hermeneuta e o promotor da ritmanálise é Gaston Bachelard, a quem se deve não só a transmissão dessa visão rítmica do universo, como alguns dos seus desenvolvimentos aplicados. Dupla é a marca da ritmanálise no conjunto da obra do filósofo francês, consignando-se por um lado na epistemologia do ritmo e na valência científica da frequência rítmica¹⁸ (desde a radiação aos movimentos bióticos e cosmológicos) e por outro lado na abordagem, de claro fundo ritmanalítico, da dialéctica psicológica da imaginação dos

17 *La dialectique de la durée* (cap. VIII, *La rythmanalyse*), Paris, Boivin, 1936.

18 N' *O Novo Espírito Científico* (1934), Bachelard contrapõe epistemologicamente o conceito de ritmo ao de substância; escrevendo n' *A Filosofia do Não* (1940): «A radiação, entidade não-lavoisiana, põe-se como uma existência essencialmente temporal, como uma frequência, como uma estrutura do tempo. Pode mesmo perguntar-se se esta energia estruturada, vibrante, função de um número de tempo não bastaria para definir a existência da substância. Deste ponto de vista, a substância não seria mais do que um sistema multirressonante, um grupo de ressonâncias, um conjunto de ritmos que poderia absorver e emitir certas gamas de radiação.»

elementos (nos trabalhos em torno do ar, do fogo, da água e da terra). Por intermédio da ritmanálise, a filosofia experimental criacionista influenciou o pensamento europeu contemporâneo precisamente a partir da obra de Gaston Bachelard. No entanto, pouca atenção se tem prestado aos desenvolvimentos que Bachelard deu a certas potencialidades psicológicas do método ritmanalítico e particularmente as que apontam para as mais altas realizações, razão para algumas notas.

De acordo com o ensinamento de Lúcio Pinheiro dos Santos, a primeira função da ritmanálise, terapêutica, é desembaraçar-nos das agitações contingentes, das rotinas neuróticas, das arritmias desvitalizantes, restituindo-nos às alternativas de uma vida verdadeiramente dinâmica. Se assim nos podemos exprimir, à cacoritmia¹⁹ contrapõe a

19 Se incluirmos neste conceito, aliás como nos de arritmia e disritmia, o cenário ruidoso de uma civilização tecnocientífica dominada pela turbulência das vibrações mecânicas, então talvez não seja demasiado tarde para escutar as seguintes reflexões de Álvaro Ribeiro: «Obrigado a viver cada vez mais perto das máquinas, que invadem os locais de trabalho, de habitação, de repouso e divertimento, o homem sofre as pancadas de energias múltiplas que se estendem em radiações, vibrações e explosões, as quais afectam, contínua ou descontinuamente, o ritmo normal das funções orgânicas. «Não há pessoa que possa manter-se saudável num ambiente em que lhe é recusado o longo e contínuo sono reparador das energias perdidas, porque os ruídos da habitação e os ruídos da rua lho interrompem impunemente» (*A Literatura de José Régio*, p. 14). «O ouvido é predominantemente passivo, destinado apenas a receber avisos e alarmes que quebram acidentalmente o silêncio espacial, natural e saudável. O excessivo cansaço do ouvido, praticado pela poluição sonora que provém dos maquinismos industriais, do trânsito rodoviário e do interior das habitações ur-

ritmanálise a euritmia e ao *taedium vitae* do «nada de novo» contrasta ela a posição corajosa do «novo começo». Não só aceita ela a dualidade do psiquismo, talvez até a sua bipolaridade estrutural, como faz disso móbil dialéctico, activando-nos em direcção a novas sínteses e a novas passagens, onde a vida e o pensamento se tornem rítmicos. Assim transformada, a realidade há-de apresentar-se de outra maneira a uma atenção ritmada (porventura a que reparará nesse «cisne de desassossego rítmico», de que fala Fernando Pessoa). Impondo-se ao praticante de ritmanálise o sempre renovado regresso ao seu próprio ritmo, é daí que decorre uma melhor e mais consciente ligação aos ritmos biocósmicos e sociológicos, bem como à experiência da rítmica metafísica. Para isto aponta também a iniciação ritmanalítica de Gaston Bachelard. Além das ritmanálises da imaginação literária e da fenomenologia psicológica²⁰ esparsas pela sua obra²¹ (donde não está ausente uma antropologia do ritmo²²), oferece também a arquitectos capazes

banas, actua rapidamente como factor de perturbação nervosa e de insanidade mental, ameaçando já com os seus perigos o futuro da humanidade» (*Memórias de um Letrado*, p. 19).

- 20 Com anotações fecundas como esta: «O vero psicólogo encontra no coração humano uma união dos contrários afectivos que suplantará as ambivalências grosseiras» (*La terre et les rêveries du repôs*).
- 21 Por vezes em vivas imagens como a que, em *O Ar e os Sonhos*, integrando-nos no ritmo tranquilo da vida vegetal, mostra que «a árvore é o ser do grande ritmo, o verdadeiro ser do ritmo anual».
- 22 Recorrendo aos princípios psicológicos da ritmanálise, a antropologia da *Psicanálise do Fogo* imagina a vida do homem primitivo seguindo uma «mesma dinamogenia ritmada» das realidades como o amor, o trabalho e o canto; a euritmia do braço, do sexo